



AS IMAGENS-AMAZÔNIA(S): EXERCÍCIOS DE PENSAMENTO NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Rodrigo Ribeiro do Rosário (Bolsista/Apresentador)¹ – Unifesspa

rodrigoro5@outlook.com

Raphaella de Toledo Desiderio (Coordenadora)do Projeto)² - Unifesspa

raphaella.desiderio@unifesspa.edu.br

Agência Financiadora: Unifesspa/FAPESPA

Eixo Temático/Área de Conhecimento: Ciências Humanas - Geografia

1. INTRODUÇÃO

Nas imagens didáticas, a Amazônia aparece como o maior bioma brasileiro, como uma região e também como quase sinônimo de região norte. Nas fotografias, nos mapas e nos textos que compõem os livros didáticos de Geografia, há uma Amazônia. Uma Amazônia que cabe dentro da região norte quando a divisão regional utilizada é a do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), uma Amazônia que por vezes é tomada como uma região quando a abordagem é a da divisão pelos “três complexos regionais: Nordeste, Amazônia e Centro-Sul”, e uma Amazônia como bioma. As geografias e histórias dessa Amazônia são as que são construídas pelo colonizador. São imagens que produzem uma Amazônia na geografia escolar. Uma Amazônia da floresta, da imensidão dos rios que são as vias de circulação das pessoas, da biodiversidade atrelada a um modelo de desenvolvimento e ocupação que só se dá a partir da segunda metade do século XX, que só foi possível pela via do Estado, a “última fronteira agrícola do Brasil”. Desmatamento, pecuária, desenvolvimento sustentável, as imagens didáticas operam pela oposição, pelo binarismo entre uma Amazônia “rica” em biodiversidade e outra pobre e subdesenvolvida. Nesse sentido, a oposição não funciona como um modo de fazer ver a diversidade da Amazônia, mas como uma narrativa que trata os lugares como mais ou menos desenvolvidos. Segundo Massey (2004, p. 15) “[...] o que acontece é que as diferenças espaciais estão sendo imaginadas como temporais. Diferenças geográficas estão sendo reconhecidas em termos de sequência histórica”.

Ao discutir a credibilidade das imagens, Oliveira Jr (2009, p. 21) afirma que além de dizerem sobre o nosso mundo, essas imagens são capazes de nos educar. Essas imagens que “[...] dizem-do-mundo, querem ser vistas como o próprio mundo diante de nós”. Essas imagens didáticas tornaram-se parte integrante de um repertório de imagens de que nos valem para imaginar os lugares. Passam a ocupar um lugar na produção de realidades e participam de nossa imaginação sobre as grafias do espaço, sobre as espacialidades e subjetividades humanas, por isso nos educam. Esse modo de imaginar o espaço gera uma maneira de agir no

¹ Graduando em Licenciatura em Geografia – Faculdade de Ciências Humanas do Instituto de Estudos do Trópico Úmido Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

² Doutora em Geografia - Professora Titular Adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (FCH/IETU/Unifesspa). Coordenadora do Grupo de Extensão e Pesquisa em Educação Geográfica (GEPEG). Membro da Rede Internacional de Pesquisa “Imagens, Geografias e Educação”.



território, de produzi-lo, de criar geografias sobre o mundo. Nessa coleção de imagens que ‘dizem-do-mundo’ interessa-nos saber como a Amazônia aparece na geografia escolar.

Não há pesquisas que problematizam a Amazônia paraense no âmbito da geografia escolar a partir da interface com as imagens e a educação. Além de um olhar para as imagens que compõem uma Amazônia nos livros didáticos e compreender como essas nos educam, a pesquisa também teve como objetivo analisar o modo como a questão regional está presente na composição curricular dos municípios e do estado do Pará.

2. MATERIAS E MÉTODOS

Os exercícios de pensamento com e pelas imagens didáticas da Amazônia foram realizados em dois livros didáticos do 7º ano do Ensino Fundamental: o utilizado atualmente pela rede municipal de educação de Xinguara (escolhido pelo PNLD 2017), e o que foi escolhido para o próximo período (ano letivo 2020) através do PNLD 2020. Participamos do processo de escolha nos municípios de Xinguara e Rio Maria. Nos livros didáticos, *Geografia: Homem e Espaço* (LUCCI; BRANCO, 2015) e *Expedições Geográficas* (ADAS; ADAS, 2015), encontramos imagens da Amazônia que circulam na geografia escolar oficial, ou seja, através de processos de avaliação e distribuição de livros didáticos para escolas públicas brasileiras realizados pelo Estado. Comparamos as abordagens apresentadas pelos autores dos dois livros didáticos e as problematizamos em relação com os nossos referenciais teóricos e com o Documento Curricular do Estado do Pará (2019).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos livros didáticos, *Geografia: Homem e Espaço* (LUCCI; BRANCO, 2015) e *Expedições Geográficas* (ADAS; ADAS, 2015), encontramos elementos importantes referentes às imagens de Amazônia que circulam na geografia escolar. Em ambos, a abordagem da Amazônia é realizada a partir da escala regional. Em Lucci; Branco (2015), a Amazônia aparece como um “complexo regional” e segue a proposta de regionalização do Brasil do geógrafo Pedro Pinchas Geiger criada em 1964. Os autores mencionam que não se trata da divisão regional “oficial”, mas optam por essa, já que acreditam que “[...] essa classificação permite entender melhor como o espaço geográfico brasileiro está organizado” (LUCCI; BRANCO, 2015, p. 35). Nesse caso a Amazônia aparece como uma região. Já em Adas; Adas (2015) a Amazônia vai aparecer quando do estudo da região norte, seguindo a regionalização oficial proposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a Amazônia aparece como parte da região norte, e os autores destacam que o termo Amazônia será utilizado em referência à Amazônia Legal. As imagens aqui são mapas, ou seja, servem à ilustração da imagem texto sobre a localização geográfica da Amazônia. Os exercícios de pensamento seguiram a sequência didática que aparecem nos livros. As imagens que “dizem” sobre a ocupação da Amazônia revelam uma geografia, uma geografia colonial e que pouco trata de abordar outras possibilidades de pensar as espacialidades amazônicas em sua diversidade.

Os dois teatros, o da Paz de Belém e a do Amazonas em Manaus aparecem como representantes de uma modernidade advinda de um ciclo econômico. De algumas poucas informações sobre o período colonial há um salto para o final do século XIX e início do XX, que em termos de organização espacial teria vivido um surto de povoamento (especialmente nas capitais Belém e Manaus) por contas de atividades extrativas, como o látex. Mesmo que os autores de ambos os livros mencionem a importância da migração de brasileiros de outras regiões e também de estrangeiros, tanto no período de extrativismo do látex e da castanha (fim do século XIX e início do século XX), não apresentam qualquer discussão a respeito, por exemplo, do que ia acontecendo com essas pessoas ou para onde iam se deslocando diante do declínio dessas produções. Já o processo de ocupação ou construção do espaço geográfico em (ADAS; ADAS, 2015) da Amazônia se dá graças às estratégias do Estado brasileiro, narrativa do vazio demográfico, “uma das imagens mais arraigadas



no que tange à Amazônia” (GONÇALVES, 2015, p. 33), e à aplicação de recursos em aberturas de estradas e formação de vilas, através do Programa de Integração Nacional – início dos anos 1970. Em uma das únicas fotografias em que aparecem pessoas, os autores (ADAS; ADAS, 2015) reforçam os fracassos do Estado em relação às políticas de integração econômica da região e a baixa taxa de ocupação humana. A quais humanos os autores se referem? Quais tipos de humanos eram “adequados” a esses projetos de colonização? Já que estamos nos referindo a um processo bem recente?

Ao tratar do que chamam de “aspectos físicos da região” (ADAS; ADAS, 2015) ou de “dinâmicas da natureza na Amazônia” (LUCCI; BRANCO, 2015) percebe-se que ambos as fragmentam das dinâmicas de ocupação/povoamento, ausentam completamente da discussão a importância e a presença dos “povos da floresta” ou “populações tradicionais” (indígenas, quilombolas, ribeirinhos, camponeses, mulheres) – invisibilidade dos sujeitos. Apresentam informações sobre relevo, clima e vegetação mantendo o formato do “paradigma a terra e o homem” da geografia escolar do século XX. A floresta e os rios “marcam fortemente a paisagem geográfica da Amazônia” (LUCCI; BRANCO, 2015), reforçando o padrão de organização espacial *rio-várzea-floresta* (GONÇALVES, 2015). Desmatamento, atividades de mineração e construção de usinas marcam a apresentação de informações sobre os aspectos naturais e a Amazônia aparece como reserva de recursos. Os estereótipos e as narrativas discursivas a respeito da Amazônia também aparecem nas falas de estudantes de escolas públicas do município de Xinguara. Através de exercícios com imagens de outros lugares da Amazônia, como da própria cidade em que vivem, mostra-se a força das mesmas imagens que circulam historicamente nos livros didáticos. Para eles Xinguara não faz parte da Amazônia, já que no município não é possível “identificar” o padrão *rio-várzea-floresta*”, mas sim o padrão “*estrada-terra firme-subsolo*” (GONÇALVES, 2015). Nesse aspecto também percebemos a importância de considerar que Xinguara pode ser caracterizada como “outro tipo de cidades pequenas que se diferenciam no conjunto regional amazônico” (TRINDADE JR, 2013, p. 13) que são as cidades rodoviárias. Segundo Trindade Jr (2013, p. 13) essas estão “[...] associadas à presença de modernas atividades econômicas e *locus* de atividades urbanas diversas ligadas ao apoio de frentes de expansão, como madeireira, a pecuarista e a agrícola”. Ao sermos atravessados pelas imagens presentes no cotidiano, inventamos modos de aprender e conhecer sobre os lugares e os povos do mundo que não podemos ver ou experimentar com nossos próprios corpos. Nesse aspecto, as imagens, sejam elas, imagens texto, imagens fotografia ou imagens mapa são capazes de criar verdades e realidades sobre as pessoas e os lugares, de participar da construção de nossa imaginação a respeito do mundo contemporâneo, e, portanto, interferem na maneira como concebemos o espaço geográfico, as espacialidades. É fundamental pensarmos a respeito desse regime imagético à que se refere Ana Godoy (2013), na construção de nossas memórias, na imaginação de lugares, e no quanto a prática com as imagens possibilita-nos ver e pensar o mundo em suas diferentes escalas geográficas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens da Amazônia que circulam na geografia escolar continuam operando pela repetição, por um modo de abordar as diferentes espacialidades regionais, invisibilizando sujeitos, apresentando uma geografia tradicional, colonial, que trata de homogeneizar os espaços. A região no livro didático (nesse caso) é sinônimo de recorte espacial (HAESBAERT, 2014), e a Amazônia também é um recorte espacial homogêneo, espaço como superfície (MASSEY, 2008) marcado pela ausência de uma perspectiva de espaço como coexistências de múltiplas trajetórias. A abordagem regional ‘apaga’ a diversidade. A Amazônia e a região norte aparecem atrelados a uma geografia do vazio demográfico, um espaço de ausências: ausências de corpos, de vida urbana, de atividades industriais, de conflitos de terras, um espaço fixo, um espaço como superfície, cujas diferenças geográficas são tomadas como uma sequência histórica (MASSEY, 2004). As imagens fotográficas se repetem nos livros, criam uma repetição, um hábito de olhar o espaço sempre da mesma maneira, estão ali como meras ilustrações, provas, evidências do real, como objetos que desejam comprovar as informações selecionadas. O livro didático faz circular uma geografia, uma Amazônia, uma região norte (é uma política pública nacional, e por isso, está presente na maioria das escolas nos municípios



e estados brasileiros), mas continua sendo uma geografia eurocentrada, e, portanto, colonial, branca, classista, machista, heteronormativa. Continua fincada num modo de lidar com o conhecimento e com o mundo ocidental como a única possibilidade de pensar.

A relevância desse trabalho está na possibilidade de pensar outros modos de produzir um pensamento espacial a respeito da Amazônia e da região sul e sudeste do Pará. Além disso, fomenta a articulação entre ensino, pesquisa e extensão em um curso de Licenciatura, permite análises entre teoria e prática a partir de documentos que estruturam o currículo escolar, aproximando o futuro professor de questões específicas de sua área de referência, o colocando a pensar sobre as relações entre o conhecimento científico e o escolar, além de tratar das questões étnico-raciais. Essa pesquisa ainda está aberta a muitas possibilidades de estudos futuros, já que trata de percursos formativos de professores que atuarão na área de influência da Unifesspa.

REFERÊNCIAS

ADAS, Melhem; ADAS, Sergio. **Expedições geográficas**. Componente Curricular: Geografia 7º ano. São Paulo: Moderna, 2015.

GODOY, Ana. **Mídia, Imagens, Espaço: notas sobre uma poética e uma política como dramatização geográfica**. In: CAZETTA, V; OLIVEIRA JR, W. M. de. (orgs). *Grafias do espaço: imagens da educação geográfica contemporânea*. Campinas: Editora Alínea, 2013.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

HAESBAERT, Rogério. Região/Regionalização frente aos processos de globalização e os desafios para o ensino. In: GIORDANI, A. C. et al. (Orgs). **Aprender Geografia: a vivência como metodologia**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

LUCCI, Elian. Alabi; BRANCO, Anselmo Lazaro. **Geografia: Homem & Espaço** 7º ano. 27. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad. de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MASSEY, Doreen. Filosofia e Política da Espacialidade: algumas considerações. **GEOgraphia** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Niterói, ano 6, n. 12, p. 07-23, 2004. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13477/8677>. Acesso em: 31 ago. 2020.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. In: **Revista ProPosições: Dossiê A Educação pelas imagens e suas geografias**. UNICAMP, V.20, no. 3 (60) set./dez. 2009.

PARÁ. **Documento Curricular para Educação Infantil e Ensino Fundamental do Estado do Pará**. Secretaria do Estado de Educação do Pará, 2019.

TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. **Das “cidades na floresta” às “cidades da floresta”**: espaço, ambiente e urbanodiversidade na Amazônia Brasileira. In: *Papers do NAEA*. Belém, dezembro de 2013.